Antofagasta | Migrantes

Rosa Chamorro

| Colômbia |

traduzido por Muriel da Costa

Antofagasta

os acampamentos dos migrantes recém-chegados

"é preciso sofrer um pouco, não temos outra alternativa"

As casas foram erguidas em um deserto de noite fria. Suas janelas quebradas condenadas ao assovio do vento na luta para entrar

O resto da cidade, adormecida, ignora este pedaço da periferia A cada manhã marcham Carregamentos de trabalhadores, comprimidos, Rumo às minas de cobre

E deixam para trás dezenas de sombrias casas de compensado grudadas à colina como mexilhões no coral

PERIFERIAS

A terra é seca e eles vivem esperançosos, cada um com uma pequena reserva de memórias e um número no bolso do uniforme, ocupando sempre a mesma desgraça, cada vez homens com uma cara nova

Migrantes

A pegada não esquecida pousa no pó da manhã Manuel Zapata Olivella

E não só eles. Não só a família, os pais, os filhos, não só o cabeleireiro cujas tesouras chegam com outra linguagem E a cozinheira que transforma o paladar em um quarto da memória

Não só a mulher que dança, Tambor nos pés, Para que as horas fluam espantando sombras de tristeza

Não só as vozes, o barulho na praça do mercado sem um passaporte dado pelo vento

Contra o Pacífico, as mãos não só dos pescadores

PERIFERIAS

empurrando redes como pássaros cegos, enquanto uma fila de cães espera algo

E em um canto silencioso uma professora abre um livro onde esperam os habitantes imaginários de um povoado que nasceu sem céu

Não só esse alguém que enche embarcações na doca para que o tempo comece a caminhar nas velas dos barcos

Não só as mulheres que, rasgando pedaços de infância, trançam os cabelos espalhando sementes de sol. Elas tateiam com a palavra o caminho de retorno, o que foi uma vez, na beira do rio da noite que atravessa o medo.

Poemas dedicados às pessoas colombianas migrantes no Chile